

Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, Crato/CE, Brasil

POR QUE MEUS ESTUDOS ME CONFRONTAM?

Stefany Lopes de Lima¹

RESUMO

O presente trabalho apresenta de maneira sucinta um relato da experiência e do processo criativo da instalação *Por que meus estudos me confrontam?*, exposta em 2017 no IX UNICO – Salão Universitário de Arte Contemporânea do SESC Pernambuco. Através da obra, trago inquietações decorrentes da minha vivência acadêmica, propondo um diálogo com as experiências do público, no intuito de debater o processo de epistemicídio dos saberes, linguagens, estéticas e expressões da população negra no campo das artes visuais, bem como no processo de formação de artistas/educadores.

Palavras-chave: arte/educação; epistemicídio; mulheres negras; processos criativos; narrativas periféricas.

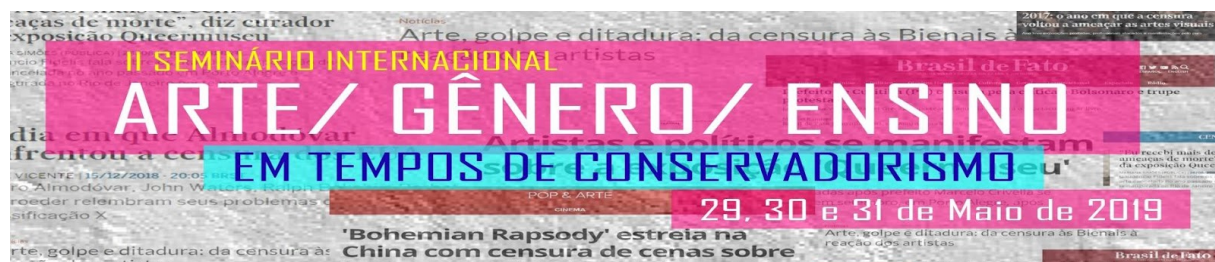
POR QUÉ MIS ESTUDIOS ME CONFRONTAN?

RESUMEN

El presente trabajo presenta de manera sucinta un relato de la experiencia y del proceso creativo de la instalación *Por qué mis estudios me confrontan?*, expuesta en 2017 en el IX UNICO - Salón Universitario de Arte Contemporáneo del SESC Pernambuco. A través de la obra, traigo inquietudes derivadas de mi vivencia académica, proponiendo un diálogo con las experiencias del público, con el propósito de debatir el proceso de epistemicidio de los saberes, lenguajes, estéticas y expresiones de la población negra en el campo de las artes visuales, así como en el proceso de formación de artistas / educadores.

Palabras clave: arte/educación; epistemicidio; mujeres negras; procesos creativos; narraciones periféricas.

¹ Artista visual e arte/educadora. Graduada do curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UFPE (Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística - Centro de Artes e Comunicação/CAC), bolsista do Pibic (CNPq) com a pesquisa “Graffiti e arte/educação em espaços não-formais: devolvendo as ruas à juventude periférica”. Email: ste.lopesdelima@gmail.com



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, Crato/CE, Brasil

INTRODUÇÃO

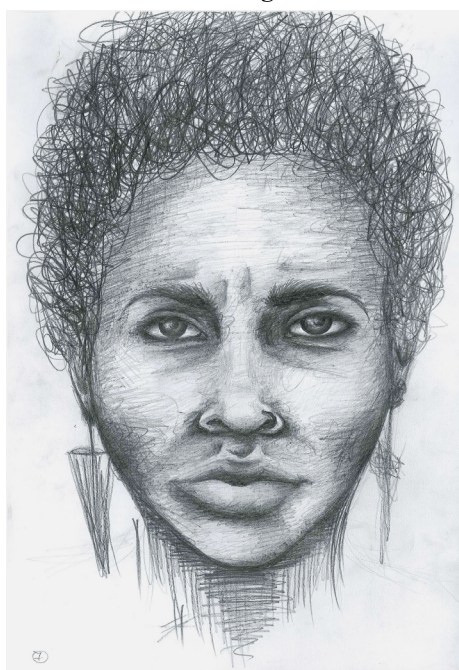
Em novembro de 2017 me inscrevi e fui contemplada pelo edital do IX UNICO – Salão Universitário de Arte Contemporânea do SESC Pernambuco, com o tema “Arte e Participação”, expondo no SESC Casa Amarela (Recife) e, posteriormente, no SESC Petrolina, o trabalho intitulado *Por que meus estudos me confrontam?*. Este, consiste em uma instalação, cujo objeto principal são cadernos, com capas customizadas a partir de intervenções sobre uma das mais icônicas fotografias brasileiras do século XIX, datada em 1860 no Recife, por João Ferreira Villela. Trata-se do retrato de uma mulher negra chamada de “Mônica” junto ao menino Augusto Gomes Leal. Sobre sua história de vida nada foi documentado, apenas a condição como ama de leite. A história contada a partir do outro. A amarga condição das mães negras enquanto amas de leite interrompeu o vínculo com os próprios filhos e de gerações com a compreensão da própria história. A feitura do caderno de artista compartilha inquietações sobre minha vivência e confrontos com a construção do estudo institucional das artes visuais, cujos referenciais há muito apagam outros saberes. É um convite para a imersão em processos de criação que insistem em (re)contar e (re)significar histórias, mesmo que fragmentadas, em busca de profundidades e pertencimento.

METODOLOGIA

A concepção da instalação surge a partir de uma série de dez autorretratos feita em 2016 na disciplina de desenho do curso de Artes Visuais (UFPE). Um amigo me chamou a atenção para a expressividade do desenho e possível semelhança com a fotografia em questão.

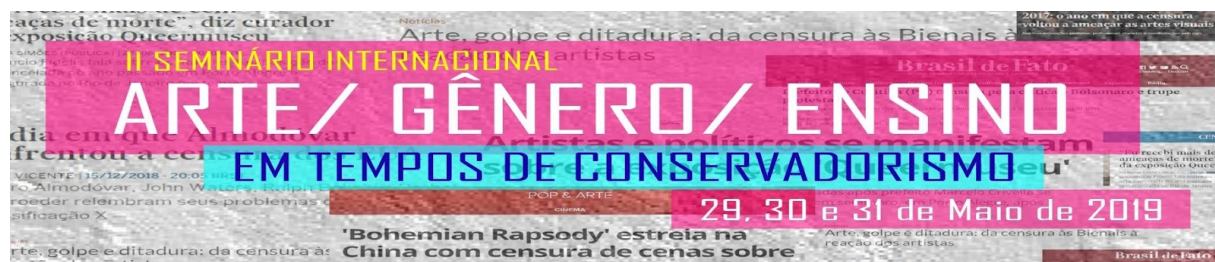
Fig. 1: Autorretrato.

Fig. 2: Retrato de Augusto Gomes Leal e Mônica.



Fonte 1: Arquivo pessoal. Recife, 2016.

Fonte 2: Cartão de visita de João Ferreira Villela (Recife, 1860). Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, Crato/CE, Brasil

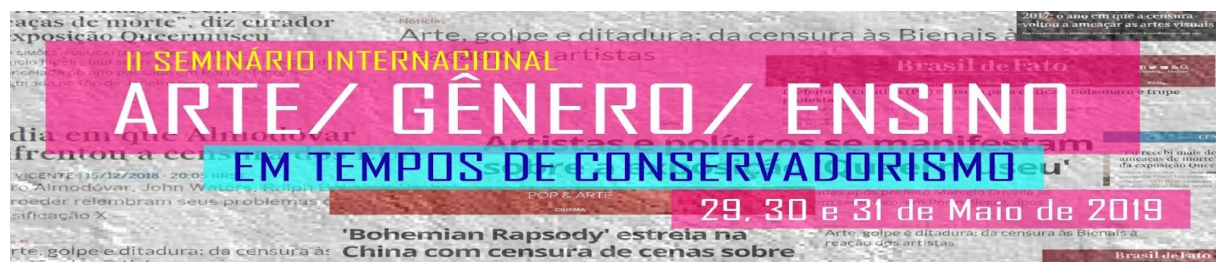
Passei a refletir sobre quais pontes existiam entre Mônica e eu. Seriam apenas algumas características fenotípicas? Tais características, outrora também usadas pelo racismo científico para desumanizar, agora seriam determinantes para definir identificações, identidades, minha auto-declaração? Quais histórias não-contadas cruzam nossos olhares há mais de um século?

O caderno é um objeto que me acompanha desde o início da vida escolar. Em minhas memórias de criança que se formou em escolas públicas, customizar capas foi o modo que encontrei de ter algo diferente, com “a minha cara”. Mas nenhum deles guardou tantas inquietações quanto os da vida acadêmica, onde fui percebendo a (falta da) nossa cara. Criei o primeiro, despretensiosamente, para uso pessoal. Quando soube do edital - que propunha estimular experiências estéticas e conceituais em arte contemporânea em artistas/universitários -, busquei aporte teórico e organizei as ideias para submeter o projeto. Assim, encontrei no caderno de artista uma possibilidade de esmiuçar tantos questionamentos e na instalação uma forma de dialogar com a experiência de outras pessoas. Após a aprovação do projeto, foram realizados encontros com os/as artistas selecionados junto à equipe de curadoria e educativo do SESC para formações em expografia e mediação. Durante o período de exposição, a galeria recebeu público espontâneo e foram promovidas formações e mediações agendadas para estudantes de escolas públicas (ensino fundamental e médio) de Recife e Petrolina entre novembro/2017 e abril/2018.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da minha vivência artística e acadêmica, me relacionei com a obra *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon. Especialmente com o primeiro capítulo - *O negro e a linguagem* -, onde o autor trata da questão da linguagem e língua imposta pelo colonizador, como ela intervém nos modos do negro ser, se (re)conhecer e se colocar no mundo. Segundo Fanon (2008), aquele que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. E, nesse esforço de “pertencimento”, acabam por se moldar e atrofiar as próprias expressões, estéticas, pensamentos, etc.

“Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado.” (CARNEIRO, 2005, p.97)



*Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, Crato/CE, Brasil*

Faço, então, uma analogia com as primeiras impressões provocadas por meu ingresso na academia, onde “a gama de paisagens que a universidade abre é fascinante e faz também florescer babas de raiva e sentimentos de contrariedade, por sacar o quanto isso é para poucos” (ROSA, 2009). É como internalizar “a história que os outros fizeram para mim” (FANON, 2008), onde a ancestralidade que me acompanha e reverbera no cotidiano é subjugada e não cabe nos conceitos e conteúdos. Como lidar com um processo de formação que ainda confronta, diminui ou apaga as histórias que me narram?

Fig. 3: Registro da instalação “Por que meus estudos me confrontam?”

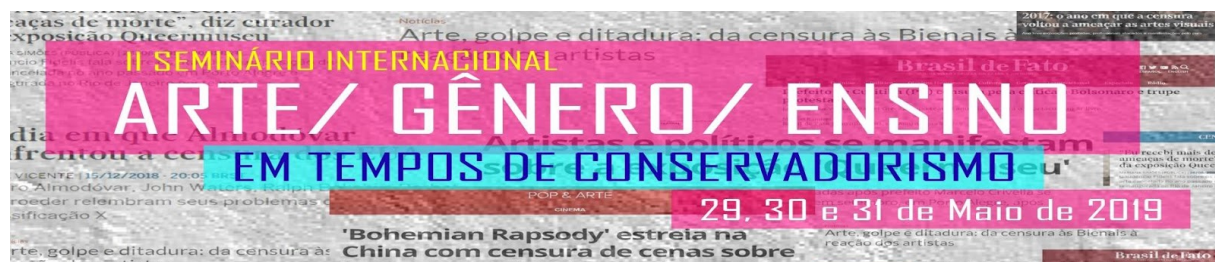


Fonte: Fotografia por Olga Wanderley. SESC Casa Amarela (Recife/PE), 2017.

Fig. 4: Registro da interação do público com a instalação.



Fonte: Fotografia por Olga Wanderley. SESC Casa Amarela (Recife/PE), 2017.



Universidade Regional do Cariri (URCA)

Campus Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, Crato/CE, Brasil

Dessa forma, propus provocações para um diálogo através da intervenção nos cadernos, de modo que a relação com o público pudesse ampliar as direções para minhas inquietações, suscitando novas perguntas e ressignificando outras buscas. E que elas pudessem ser compartilhadas, debatidas e continuadas, gerando reflexões e construções mútuas, principalmente entre aqueles que transitam em instituições educativas, como escolas, universidades, galerias e museus, pois essas histórias não são só minhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que meus estudos me confrontam? foi o pontapé para a compreensão de diversos processos dentro da minha formação enquanto artista/educadora. Primeiramente, pela possibilidade de mergulhar em uma experiência e falar de um ponto de vista pessoal, ainda que ele esteja intrinsecamente ligado e influenciado pela experiência coletiva. Isso me diz muito sobre o reconhecimento das singularidades nas histórias e narrativas negras. Depois, a valorização do processo - considerando a legitimidade do questionamento e da contradição -, contrariando a perspectiva de um produto final e “imutável”, permitindo que o contato com o olhar do outro pudesse contaminar, intervir e, até mesmo, confrontar minhas dúvidas e certezas. Possibilitou, também, uma vivência e formação completa do processo de curadoria, expografia e mediação, além da oportunidade de observar as relações - inclusive, de quem circula e delimita o contorno - tecidas nesse outro espaço institucional que é a galeria de arte. Em três meses e meio - de 30 de novembro de 2017 a 12 de março de 2018 -, somente na unidade do SESC Casa Amarela (Recife), passaram pela exposição cerca de oitocentas pessoas, uma maioria de estudantes de escolas públicas (ensino fundamental e médio). Em cada intervenção do público na instalação, ficou perceptível a diversidade de interpretações e experiências provocadas pela obra. Os que mais me chamaram a atenção foram relatos de mulheres negras - pela forma como se viam no espaço da galeria e na obra - e das crianças, por perceber como, desde cedo, a educação (familiar, escolar, religiosa, etc) corrobora para a manutenção do racismo em um lugar de “senso comum”. Assim, *Por que meus estudos me confrontam?* segue em punha nas encruzilhadas, para pensar outras práticas artístico-pedagógicas, como instrumento de esquiva das violências subjetivas oriundas do racismo institucional, como restituição das narrativas negras enquanto construção de conhecimento e posse da linguagem nesses espaços.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Tese de Doutorado. São Paulo: FEUSP, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

ROSA, Allan Santos da. **Imaginário, corpo e caneta : matriz afro-brasileira em educação de jovens e adultos**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FEUSP, 2009.